

Lusa:

Companhia das Lezírias no projeto para proteger ave que passa Inverno no Tejo

O projecto de conservação, “LIFE Godwit Flyway” tem um financiamento total superior a 15 milhões de euros e uma duração de sete anos

Quatro países vão unir-se num projeto para proteger o Maçarico-de-bico-direito, uma ave cuja sobrevivência está ligada à qualidade das zonas húmidas em Portugal, especialmente do estuário do Tejo. E a Companhia das Lezírias está presente na iniciativa.

O projeto internacional de conservação chama-se “LIFE Godwit Flyway” e foi apresentado a 2 de fevereiro, o Dia Mundial das Zonas Húmidas, juntando Portugal, Alemanha, Países Baixos e Gâmbia. Tem um financiamento total superior a 15 milhões de euros e uma duração de sete anos.

As ações previstas nos vários países têm como objectivo proteger o Maçarico-de-bico-direito (‘Limosa limosa’), “uma ave aquática migratória emblemática e cuja sobrevivência está intrinsecamente ligada à qualidade das nossas zonas húmidas”, dizem os responsáveis pelo projeto do lado português em comunicado, acrescentando que as ações em Portugal vão decorrer no estuário do Tejo, “a maior e mais importante zona húmida do País para aves aquáticas”.

Assente no conhecimento de um consórcio de ecologistas e conservacionistas dos quatro países, as ações destinam-se a fortalecer e expandir as condições nas áreas de reprodução na Alemanha, restaurar habitats nas zonas húmidas da Gâmbia (para onde parte das populações migram no Inverno) e melhorar os habitats nas zonas de paragem migratória no estuário do Tejo.

José Alves, investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), da Universidade de Aveiro, biólogo e especialista em aves, explicou à Lusa o lado português do projeto, que junta o CESAM e a Companhia das Lezírias (Ministério da Agricultura), financiado pela União Europeia.

Sendo a Companhia das Lezírias a dona de uma série de propriedades no estuário do Tejo, o projecto vai gerir algumas delas para criar um “habitat de excelência” para os Maçarico-de-bico-direito, uma ave com estatuto de quase ameaçada, devido ao declínio acentuado, e que permanece em Portugal entre Outubro e Março.

De acordo com José Alves a espécie teve uma redução de 40% nas últimas três décadas.

A maior parte das áreas de reprodução são na Alemanha e nos Países Baixos. No final de época de reprodução parte das populações migram para a zona da Gâmbia, dirigindo-se depois ao estuário do Tejo. Outra parte vem diretamente para Portugal, contou o especialista, explicando que entre Dezembro e Março chega a estar no estuário do Tejo 60% a 70% da população do norte da Europa (quando os dois grupos se juntam). No passado chegaram a ser 90 mil aves, hoje serão no máximo 50 mil.

Entre as ações de conservação a desenvolver está a gestão das zonas de arrozal, que as aves usam fora da época de produção de arroz, a recuperação de antigas salinas (salinas Saragoça), porque os tanques de produção de sal desativados, desenhados para diferentes níveis de água, são um bom habitat e ainda intervenção nos sistemas hídricos das lagoas costeiras, “para manter um mosaico de habitats independente do regime das chuvas”, além de ações de divulgação e sensibilização nas escolas e nas autarquias.

José Alves insiste na importância do estuário do Tejo, fala de zonas húmidas em Espanha que já não existem devido ao aquecimento global o que leva as aves a serem empurradas para “o oásis” que é o estuário, que recebe 300 mil aves aquáticas.

O projeto foi apresentado no EVOA – Espaço de Visitação e Observação de Aves, em Vila Franca de Xira, que pertence à Companhia das Lezírias.

O Dia Mundial das Zonas Húmidas está associado à Convenção de Ramsar, em vigor desde 1975 e à qual Portugal aderiu. Destina-se a impulsionar a cooperação para a promoção da sustentabilidade das zonas húmidas.